

# POR TODA A PARTE

## uma certa história da língua portuguesa

A língua portuguesa é, hoje em dia, património de duzentos milhões de pessoas que a herdaram, a usam e a recriam dentro de comunidades culturais muito diversas. Uma história deste idioma que se concentre nas raízes da sua heterogeneidade tem de ser uma história de encontros, de lutas, de preconceitos, mas também de tolerância e sobrevivência. *Por toda a parte...*, é a narração de **uma certa história da língua portuguesa** que é soma de traços, multiplicação de usos e triunfo de diferenças.



*Portugal...  
Pequeno território infinitamente diversificado,  
palco de uma História que excede as crónicas,  
berço de um povo de impenitentes vagabundos,  
toda a descrição a diminui e nenhuma síntese a resume.  
Cabe nos mapas, mas não cabe nas palavras.*

Miguel Torga



# **POR TODA A PARTE**

uma certa história da língua portuguesa

## Descobrimentos portugueses

## O contacto com línguas extra-europeias (I)

A partir do século XV a língua portuguesa protagonizou uma história de convivência com as línguas de povos africanos, asiáticos, sul-americanos e austronésios, tendo chegado a substituir algumas delas nos territórios onde veio a acompanhar, mais tarde, políticas sistemáticas de colonização. Testemunhando esta expansão da língua portuguesa fora da Europa, bem como os contrastes e as influências mútuas, muitos autores passaram a escrito um rol de reacções perplexas que exprimiram no código do tempo, hoje difícil de compreender pelo anacronismo da sua intolerância.

Contacto lingüístico con africanos de Melinde

Estes índices são nomes que separam pessoas que têm e não têm grandes fortunas e os círculos de vida que vivem mais tranquilos, e não comem, dormem de bem, seguram-se, etc. etc. E a sua linguagem é extremamente diafônica e alguma dasse palavras só é usada para certas coisas e nem sempre é usada.

Os índios vistos pelos primeiros portugueses que chegaram ao Brasil

Ali andam acto eis tria su quatu frangas, bene molles e bene gentil, cum subtilia multa preterit aspergendas puluis angustiorum, e suis vergentibus tis artus et illi camacturis eis tis impares das cibatibus, que de se uita multa bene efficiuntur nra trinitatis remunera vergentia. Ali per uentis nra fuisse nra facta nra understandimus non enim a Barbara datus est hermarie qui nos adi auxiliis suis modis circum.

## **Referências ao contacto linguístico dos Jesuítas com os índios do Brasil por intermédio da língua**

Tenho muitas expectativas para este projeto, tanto de parte da mídia quanto do público.

Referência às línguas ameríndias do Brasil e ao seu  
contraste com o Português

Outros índices não são tão claros e cabem comentários mais extensos e algumas nuances devo à maioria da China.

A língua que usam todos para cozinhar é uma, ainda que em certos momentos difiram nalgumas palavras, mas não em maneira que os deixem sem saber muitas de entender. E isto é de natureza de cozinhar e salsa grossa, que é daí que por sinal é que ouvi gentilidade de que não há herança tanta misticismo, que faziam já muita língua diferente. Esta de que falo, que é a generalizada cozinhar, é muito branca e a cozinhar precisa língua de bairros.

Características: causam a salivação se achada na F. nem L., nem R., causa dor de estômago porque nem não têm F., nem L., nem R. e deixa manchas vermelhas descoloradamente quando toca pele (diax corrente), nem passa, nem resultados.

Critica aos usos linguísticos dos portugueses que viajaram por terras extra-europeias

O segundo domínio é quanto à diversidade de espécies, habitat da fauna, ou se outras espécies raramente visitam a área, fazendo os moradores terem muitas chances das normas próprias desse ecossistema, que há alguma que, em colhendo na prática. Cruz, Malacca ou Sestão, não sabem dar um passo sem pausarem, fazem comentários, falam e observam e muitas pessoas que vivem em países de exuberância e diversidade.





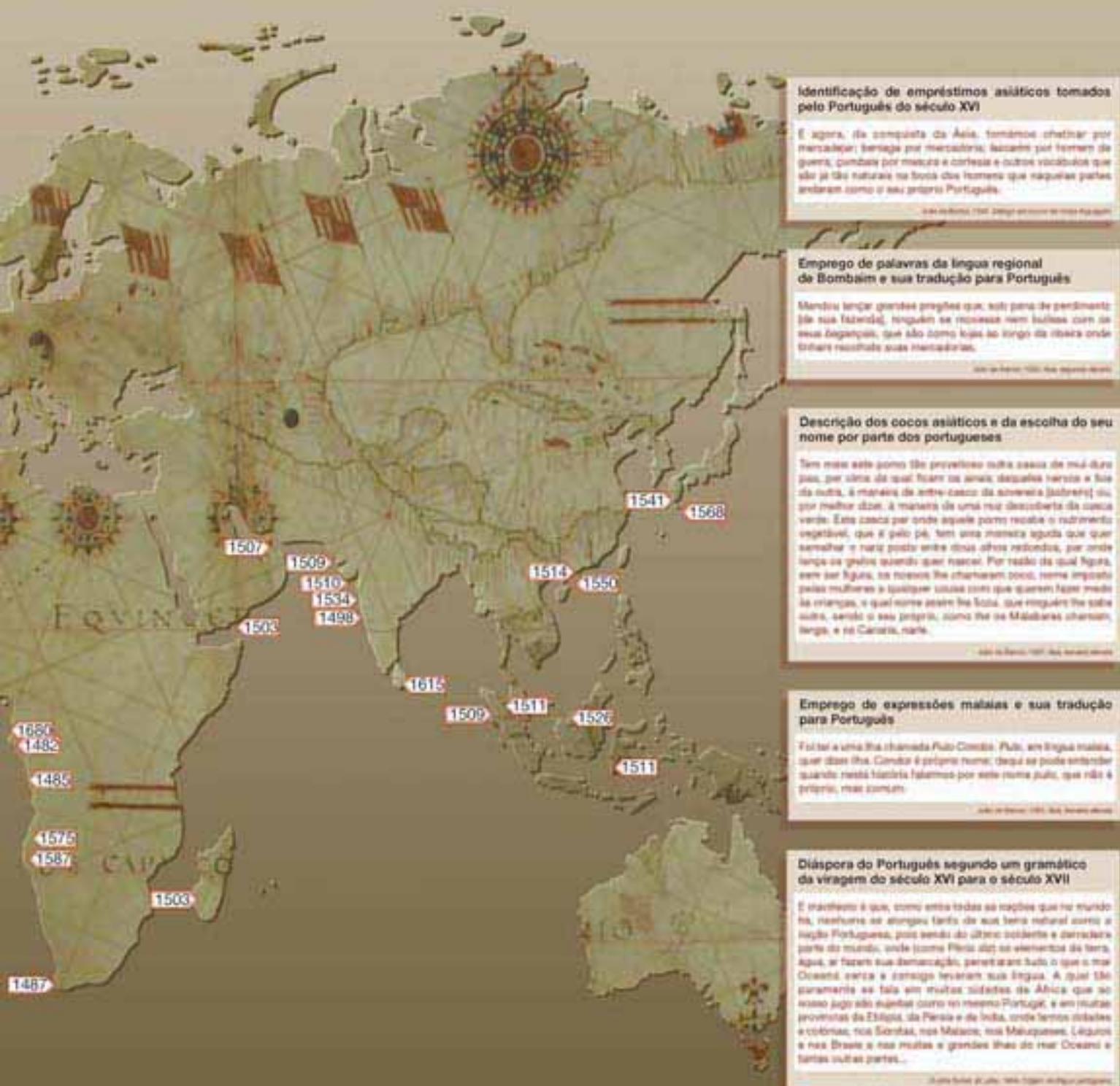
# PORTODAAPARTE

## uma certa história da língua portuguesa

### Descobrimentos portugueses

#### O contacto com línguas extra-europeias (II)

A diáspora do povo português ao longo da história desencadeou, para cada diferente época, diferentes tipos de contacto linguístico. Enquanto os exploradores dos séculos XV e XVI apenas trouxeram empréstimos de África, da Ásia e da América, normalmente com a ajuda de intérpretes, já os colonizadores dos séculos seguintes conseguiram impor o Português como língua de prestígio em possessões extra-europeias que passaram a integrar o reino de Portugal.





# PORTODAAPARTE

uma certa história da língua portuguesa

## Lusismos soltos nas línguas do mundo

Para além dos empréstimos lexicais que recebeu de línguas de todos os continentes, para além de língua de colonização, o Português tem também a história das palavras que propagou pelos territórios mais distantes.

### Japonês

Japão



|           |                      |
|-----------|----------------------|
| báterén   | pátre                |
| báttérá   | batera, batal        |
| báza      | bazar                |
| berílandá | varanda              |
| bíródó    | veludo               |
| bótan     | botão                |
| buránko   | baloiço<br>(balanço) |
| fúrdosukó | frasco               |
| jubán     | gibão                |
| kapítán   | capitão              |

|            |                        |
|------------|------------------------|
| káppá      | capa<br>(para a chuva) |
| karuta     | carta de jogar         |
| karúsán    | calcão                 |
| kirishitan | crento                 |
| koppú      | copo                   |
| marúméró   | marmelo                |
| pán        | pão                    |
| shabón     | sabão                  |
| tabákó     | tabaco                 |
| tenpúrá    | tempero                |

### Mandarim

China



|                     |           |
|---------------------|-----------|
| báérsuma            | báisamo   |
| bólidiá             | política  |
| bólújishi           | português |
| dánbagú             | tabaco    |
| gínbaídú/kánbáitau/ |           |
| gángbódu/kángbaidu  | comprador |
| gélúopá/búluópa     | Europa    |
| jiabidán            | capitão   |
| kangbánniyá         | companhia |
| kóukou              | cacau     |
| lisipca             | Lisboa    |

|                    |                  |
|--------------------|------------------|
| léier              | reis             |
| mántuo             | mantão           |
| mádela             | vinho da Madeira |
| mitu               | metro            |
| mián / bão         | pão              |
| pódá               | vinho do Porto   |
| púdolija/pöärdwáär | Portugal         |
| südän              | sultão           |
| tuödö              | tudo             |
| vitya              | ideia            |

### Nyungwe

Moçambique, Tete



|              |               |
|--------------|---------------|
| abinri       | Abri          |
| adewuju      | adeus         |
| altái        | altar         |
| barsamu      | bálsamo       |
| bazalí       | bazar         |
| diministasau | administração |
| framasiya    | tarnácia      |
| galatu       | garfo         |
| galata       | garrafa       |
| gêneja       | grelha        |
| judati       | ajudar        |

|            |             |
|------------|-------------|
| jimola     | esmola      |
| kadera     | cadeira     |
| kadernu    | caderno     |
| kama       | cama        |
| kamiza     | camisa      |
| kampamento | acampamento |
| koko       | coco        |
| mbendera   | bandeira    |
| ntulumbero | enfermeiro  |
| piyuga     | peúga       |
| xíptali    | hospital    |

### Quitando

Rep. Democrática do Congo, Kisantu



|            |                                |
|------------|--------------------------------|
| bendila    | bandera                        |
| feríyésta  | alface                         |
| kapita     | capataz<br>(capitão)           |
| kitapi     | lips                           |
| kwéléméti  | colete                         |
| lupitáalu  | hospital                       |
| lutásilutu | retrato                        |
| luryodólu  | tesoura                        |
| m-pata     | moeda de 5 francos<br>(pataco) |

|            |                     |
|------------|---------------------|
| mpaku      | imposto<br>(pagar)  |
| néela      | janela              |
| nsábi      | chave               |
| palaba     | preito<br>(palavra) |
| papéela    | papel               |
| sampátu    | sapato              |
| sikóóla    | escota              |
| tulumbeéta | trombeta            |
| véluulu    | veludo              |

### Tétum

Timor Lorosae



|                |   |
|----------------|---|
| administrasaun | administração   |
| aiduda         | ajuda   |
| armari         | armário, cômoda   |
| dineta         | janeira   |
| dotór          | substantivo; doutor,<br>médico; adjetivo;<br>preguiçoso, que não<br>trabalha, aziedo, |
| enfermeiru     | malcriado   |
| estrika        | enfermeiro  |
|                | ferro de engomar  |

|               |           |
|---------------|-----------|
| garfu / karfu | garfo     |
| gabeta        | gaveta    |
| tabaku        | tabaco    |
| kadera        | cadeira   |
| kalisa        | calças    |
| kalbosu       | cababouço |
| kamisa        | camisa    |
| kama          | cama      |
| kanéta        | caneta    |
| konfesa       | confessar |
| kopu          | copo      |



# PORTODAAPARTE

## uma certa história da língua portuguesa

### Falantes com direito ao ensino na sua língua

Os encontros culturais protagonizados pelos emigrantes portugueses que nos séculos XIX e XX procuraram trabalho em países estrangeiros foram totalmente diferentes dos da época dos Descobrimentos. Nas comunidades que os acolhem, os emigrantes vão ocupar uma posição pouco prestigiada. Nestas condições, a história recente do Português em países de emigração é uma história de luta (e gradual conquista) envolvendo o direito à aprendizagem curricular desta língua.

#### DISTRIBUIÇÃO ACTUAL DOS EMIGRANTES PORTUGUESES PELO MUNDO

|         |           |   |
|---------|-----------|---|
| América | 2 639 660 | emigrantes distribuídos por 32 países, sendo que 1 617 836 estão na América do Sul, 74% dos quais no Brasil, 1 015 300 na América do Norte e 6 523 na América Central |
| Europa  | 1 336 700 | emigrantes distribuídos por 28 países, sendo que 1 201 163 estão nos países da União Europeia   |
| Africa  | 540 391   | emigrantes distribuídos por 39 países   |
| Oceânia | 55 459    | emigrantes distribuídos por dois países   |
| Ásia    | 29 271    | emigrantes distribuídos por 22 países   |

Os valores referentes à população de origem nacional residente em países estrangeiros nos finais da década de noventa é estorvador da dimensão "Diaspora Portuguesa" na actualidade: cerca de 4,6 milhões de cidadãos.

Jorge Carvalho Amorim



Reconhecimento oficial de que o ensino português no estrangeiro é simultaneamente um interesse nacional e um direito dos emigrantes

#### Princípios

1 - O sistema educativo tem por âmbito geográfico a totalidade do território português - continente e regiões autónomas -, mas deve ter uma expressão suficientemente flexível e diversificada, de modo a abranger a generalidade dos países e dos locais em que vivem comunidades de portugueses ou em que se verifique acentuado interesse pelo desenvolvimento e divulgação da cultura portuguesa.

(Lei n.º 46/86, cap.º I, art.º 1, par.º 4)

2 - O Estado promoverá a disponibilização de recursos para a língua e da cultura portuguesa no estrangeiro mediante acções e meios diversificados que visem, nomeadamente, a sua inclusão nos planos curriculares de outros países e a criação e a manutenção de extensas de portugueses, sob orientação de professores portugueses, em universidades estrangeiras.

3 - O ensino da língua e da cultura portuguesas aos trabalhadores emigrantes e seus filhos será assegurado através de cursos e actividades promovidas nos países de imigração, de acordo com o regime de integração ou de complementariedade relativamente aos respectivos sistemas educativos.

4 - Serão incentivadas e apoiadas pelo Estado as iniciativas de associações de portugueses e de entidades estrangeiras, públicas e privadas, que contribuam para a prossecução dos objectivos enunciados neste artigo.

(Lei n.º 46/86, cap.º II, art.º 22)



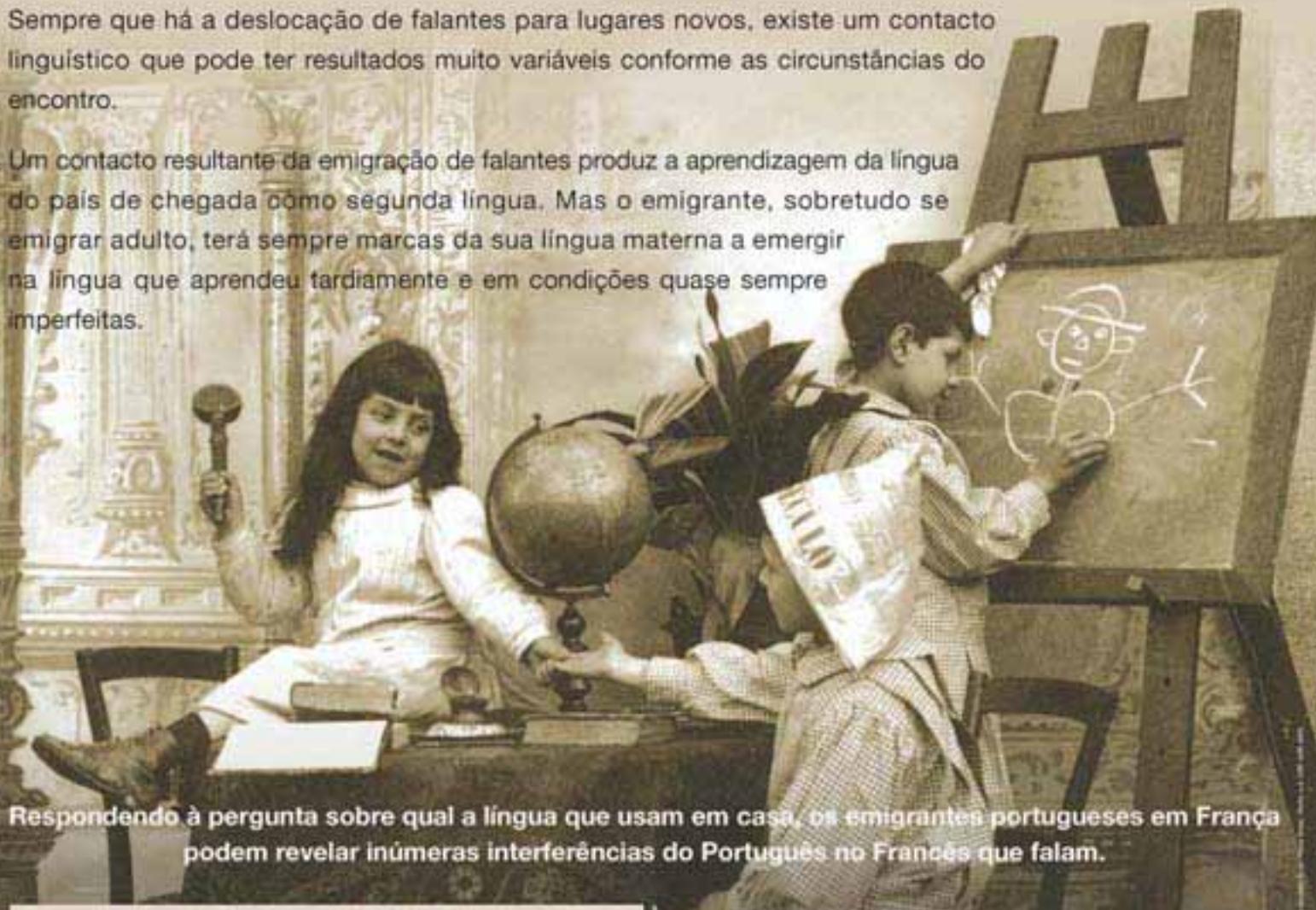
# PORTODAAPARTE

uma certa história da língua portuguesa

## Contacto do Português com outras línguas de origem europeia

Sempre que há a deslocação de falantes para lugares novos, existe um contacto linguístico que pode ter resultados muito variáveis conforme as circunstâncias do encontro.

Um contacto resultante da emigração de falantes produz a aprendizagem da língua do país de chegada como segunda língua. Mas o emigrante, sobretudo se emigrar adulto, terá sempre marcas da sua língua materna a emergir na língua que aprendeu tardiamente e em condições quase sempre imperfeitas.



Respondendo à pergunta sobre qual a língua que usam em casa, os emigrantes portugueses em França podem revelar inúmeras interferências do Português no Francês que falam.

Avec vos enfants qu'est-ce que vous parlez à la maison?

O portuguais à la maison mais ils me répondent en français. Et c'est un peu difficile **près** enfants [...] Comprend **o** portuguais mais répond **o** français, **mas** **o** petit qu'est né ici c'est **um pouco** difficile pour lui **parce que** quando jouent ensemble parlent seulement en français. [...] Qui c'est difficile c'est **brai**, moi a beaucoup de fois que commence à parler **em** portugais et **termina** en français c'est vrai, mélange.

A la maison oui avec moi et mon **marido** non pas que nous parle **melhor** le portugais que **le** français, **mas** c'est normal c'est ta notre langue.

**Mas les** enfants ils viennent trop jeunes ici alors ils parlent **tout** le monde **le** français. Ici à la maison avec **os meus** enfants je parle **o** portuguais.

A la maison **quando** moi je suis là ils parlent portugais – moi je parle portugais pour les enfants, quand ils sont entre les deux c'est difficile à dire, ils parlent tous les deux français. Moi je dis tout le jour « Eh, **parta o** portuguais! » pour le plus vieux. Pour la plus jeune, « **parta portuguais p'te** teu frère ».

Excerto de um encontro de emigrantes realizada numa comunidade de emigrantes portugueses em França.

### Interferência Fonética:

Exemplo: **brai** por **vrai** (beber suco)

### Interferências Morfológicas:

Exemplos: **lo, les** por **le, les** (marca de género e número); **parta** por **partie** (marca de pessoa e número)

### Interferência Sintática:

Exemplo: **[–] comprend o portuguais mais [–] répond o français;**  
**moi, [–] a beaucoup de fois...**  
(interferência da regra portuguesa do sujeito nulo)

### Léxico de origem portuguesa:

Exemplos: **o** portuguais... moi e mon **marido**... c'est **um pouco** difficile **près** enfants... **mas** **o** petit... avec **os meus** enfants... ils parlent **tout** le mundo...

Trata-se de locutores estrangeiros, não-escolarizados em Francês, o que tem consequências por demais conhecidas: o Francês que falam é, por um lado, o produto da percepção dos modelos com que estão em contacto, eventualmente filtrado pelos modelos da língua materna, sem que aos resultados dessa percepção e ao processo de estruturação da língua se venham acrescentar os naturais elementos de correção ou de reforço sistemático que os adultos trazem às crianças, em fase de aquisição. [...] Por outro lado, o Francês que falam é, em parte, o produto da leitura de uma língua que não aprenderam a ler, realizando assim uma actividade não-previsível contra a débil correspondência entre [sons e letras].



# PORTODAAPARTE

## uma certa história da língua portuguesa

### Consagração jurídica da língua portuguesa no mundo

As nações da América, de África e da Oceânia que se tornaram independentes de Portugal em diferentes períodos da História consagraram o Português como língua oficial. Assim, enquanto língua materna, ou enquanto língua segunda, o Português ascende hoje ao oitavo lugar na escala das línguas mais faladas no mundo, e ao quinto lugar no caso das línguas com maior projeção internacional. Quanto ao futuro, as previsões são de crescimento e não de regressão, sobretudo por causa das perspectivas que se abrem no Brasil e em Moçambique: a população brasileira terá 219 milhões de pessoas quando chegarmos a 2020 e a população moçambicana, como resultado das orientações políticas seguidas no seu país, falará cada vez mais em Português.

Nas oito repúblicas de língua oficial portuguesa há, entretanto, convivência entre o Português e outras línguas, as quais têm vindo a ganhar alguma forma de valorização e reconhecimento, como se pode ver pelo conteúdo de certos textos legais recentemente aprovados ou ainda em preparação:

**Timor-Leste**

- Artigo 13.º - Língua oficial**  
A língua portuguesa é a língua oficial da República Federativa do Brasil.
- Artigo 231.º - Reconhecimento das línguas oficiais**  
São reconhecidas como línguas oficiais os idiomas, costumes, línguas, crenças e tradições.
- Artigo 13.º - Língua oficial**  
1. É língua oficial o Português.  
2. O Estado promove as condições para a oficialização da língua materna capo-verdiana, em paralelo com a língua portuguesa.  
3. Todas as cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las.

**Mozambique**

- Artigo 9.º - Língua oficial**  
1. As línguas nacionais são o Zulu e o Xhosa.
- Artigo 10.º - Língua oficial**  
Na República de Moçambique a língua portuguesa é a língua oficial.
- Artigo 11.º - Língua oficial**  
A língua oficial é o português.

**Angola**

- Artigo 2.º - Reconhecimento oficial de direitos linguísticos**  
Lei do reconhecimento oficial de direitos linguísticos da comunidade mirandesa (aprovada em 1998).
- Artigo 2.º - Reconhecimento oficial de direitos linguísticos**  
O Estado Português reconhece o direito a cultivar e promover a língua mirandesa enquanto património cultural, instrumento de comunicação e de reforço de identidade da terra de Minas.

**Brasil**

- Artigo 13.º - Língua oficial**  
1. O tétum e o português são as línguas oficiais da República de Timor-Leste.  
2. O tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Estado.

**Portugal**

- Princípio 17.º - Consagração, valorização, promocião, ensino e utilização das línguas nacionais e devenir a língua portuguesa como língua oficial**  
Princípio 17.º - Consagração, valorização, promocião, ensino e utilização das línguas nacionais e devenir a língua portuguesa como língua oficial.

**Outros**

- Artigo 13.º - Língua oficial**  
A língua oficial é o português.

**Fonte:** *Portodaaparte: uma certa história da língua portuguesa*, 2008.



# PORTODAAPARTE

## uma certa história da língua portuguesa

### Variação da língua portuguesa falada ao longo dos séculos

Enquanto **por toda a parte do mundo**, a partir do século XV, se ia alterando a geografia da língua portuguesa, também em Portugal a língua ia sofrendo contínuas modificações. Falada por uma sociedade inteira e **por toda a sorte de gente**, teve e terá a mesma tendência para a diferenciação que caracteriza qualquer comunidade. Uma série de factores políticos e culturais, como o estabelecimento da Corte em Lisboa e a difusão da imprensa acompanhada da difusão gradual do ensino, permitiu o estabelecimento da norma linguística padrão. Um dos dialectos do litoral sul do país sobrepôs-se então a todos os outros, estigmatizando-os de "provincianos" ou "rústicos" por não serem a variedade de Lisboa e por não terem as mesmas características da língua dos homens cultos. Mas como nunca foi possível travar a tendência das línguas para fugirem à homogeneidade, há **uma certa história da língua portuguesa**, que também é preciso contar, e que é a dos seus vários dialectos: os regionais, os rurais, os populares e os coloquiais.

| Como podemos escutar dialectos que já não podemos ouvir?<br>Como fazer a História das muitas variedades do Português?  | Textos judiciais  | Textos quotidiano  | Textos literários   | Textos normativos   |
|--|---|--|---|---|
| <b>Na ausência de registos directos, podemos conhecer os dialectos antigos do Português através da interpretação de diferentes tipos de texto escrito: de literário, ao judicial, passando pelo quotidiano e pelo normativo.</b> | Depoimentos   | Cartas   | Teatro<br>Romance   | Gramáticas<br>Ortografias<br>Dicionários<br>Manuais de etiqueta |
| quando repetem, textualmente, falas proféndas por terceiros  | quando escritas por pessoas que cometem desvios à norma escrita | quando incluem falas de personagens tipificadas pelo "colono" da sua linguagem | quando condenam os erros dos falantes "populares" ou "provincianos" |   |



A escolha de textos errados para neles assentar deduções científicas

Quem possui pouca cultura literária escreve muitas vezes como fala; não só por ignorar frequentemente as regras gráficas, como porque nessas pessoas tem mais força o hábito da pronúncia do que o da escrita: ora os erros entâo cometidos (erros, já se vê, em relação às normas convencionadas) servem para o linguista porque lhe revelam suavemente o que ele procura. Se eu por exemplo encontro um manuscrito onde leio note (<notas>, andi (<andei>), primeiro (<primeiro>), etc., concluo imediatamente que ele pertence ao Sul, ou pelo menos a alguns dos pontos em que a línguagem do Centro ou Beira, confina com a daquela região, o que só se pode decidir por mais cuidada análise; em todo o caso exlusivo com absoluta certeza Trás-os-Montes e o Entre-Douro-e-Minho.

Toda a língua propriamente dita, quer seja popular, quer culta; quer queira nela estojam esculpidas as epopeias homéricas, quer servir de base às limitadas relações sociais de um canto de província, é uma língua perfeita, uma língua que merece as atenções da ciéncia porque representa a verdade.





# PORTODAAPARTE

uma certa história da língua portuguesa

## Variação da língua portuguesa falada ao longo dos séculos

### A história do Português coloquial a partir de textos judiciais

Os textos de tipo **Judicial** que documentam as variedades de língua falada no passado são os **Depoimentos** de várias épocas, os quais incluem transcrições de interrogatórios a testemunhas e réus da Justiça, bem como cartas de denúncia voluntariamente enviadas para integrarem um processo judicial. São registos que, episodicamente, contêm pedaços de discurso directo sempre que tenham estado em causa as proposições efectivamente enunciadas por alguém cuja culpa ou inocência faltava provar.



#### Diálogo entre falantes de diferentes estratos sociais

Leiria, 1699 (falam uma senhora, possivelmente nobre, uma fornheira e um trabalhador)

Estava no pátio um homem trabalhando... coisa de carpintaria, ou de carvo, ou de arado... Perguntei-lhe: -**Quede esta mulher?**- Respondeu-me: -**Não sei!**- Disse eu: -**E pols quem acendeu o forno?**- Respondeu-me: -**Ái o vieram acender...**-

Fiquei no pátio, parada de frente d'outra porta sua que estava fechada, dizendo eu: -**Valha-me Deus, agora se foi esta mulher, que eu queria falar com elas!**- Virou-se o homem para mim e disse-me, de manso, que estava naquela casa que eu via fechada. Disse eu: -**Se a porta está fechada...**- Tomou-me a mão que lá estava.

Quando a vi, antes de falar na cinza que me tinha prometida, disse eu: -**Consta, vizinha, que lhe morreu a sua menina. Ora dê muitas graças a Deus, que lhe fez esse anjo no céu!**- Inda lhe ia dizendo mais, mas ela não me deu lugar, porque logo disse: -**E quem ma matou a mim, aqui estou fazendo isto para saber quem ma matou!**-

Disse eu: -**Santíssimo nome de [Deus]! Mulher, confessaste disso?**- E respondeu-me, como que me ameçava enfadada: -**Mulher, confessaste? E quem me faz mal confessava?**- Disse eu: -**Pois quem faz mal o pagará, ou no inferno, ou onde Deus ordenar, mas fazer isso é pecado!**- Respondeu-me, muito agastada: -**Se é pecado, quero fazê-lo. E vossa mercê, quem a mandava agora cá vir? Que velo cá fazer? Vá-se embora!**- Isto, muito agastada, Eu então me tirei de mim, coisa contra o meu natural, como se sabe, e lhe disse: -**Ah sim? Eu vos prometo que eu o digo!**- E vim para o homem que estava no pátio e disse-lhe: -**E você, lembre-lhe o que ouviu para qualquer tempo que lho perguntarem!**- O homem respondeu-me: -**Oh senhora, melhor é não falar nisso, que aquilo muitos fazem!**- Eu lhe disse: -**Se o fazem, eu nomearei a ela, ela dirá quem lho ensinou...**-

Carta de denúncia encaminhada à Inquisição de Lisboa por uma senhora de Leiria. Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, livro 280, folhas 230v-232r (transcrição normalizada).

**Observações:** Registam-se, entre outros fenômenos, o recurso a modalizações do discurso (polis/afirmação), o uso de uma expressão interrogrativa muito coloquial (Que é de...?), expressões exclamativas variadas (Valha-me Deus/Santíssimo nome de Deus/Ah sim!), o recurso ao verbo no presente do conjuntivo para expressar uma intenção compromissiva (Eu vos prometo que eu o digo!) e o uso de diferentes apelativos conforme mudavam os interlocutores e o estilo da conversa (vizinha/mulher/vossa mercê/vossa senhora).

#### Diálogo entre falantes da mesma família

Elvas, 1696 (falam uma mulher e o seu enteado de doze anos)

Em seis dias do mês de Setembro, sou enteado, vendo-a desconsolada, e qual se chama Manuel Leitão de Oliveira, e que estava chorando, lhe disse que se não desconsolasse, que ele sabia que seu pai e seus tios estavam em sala livre, e ela lhe replicou: -**Minino, como pode ser isso saber-se? Porque naquela casa há muito segredo...**-

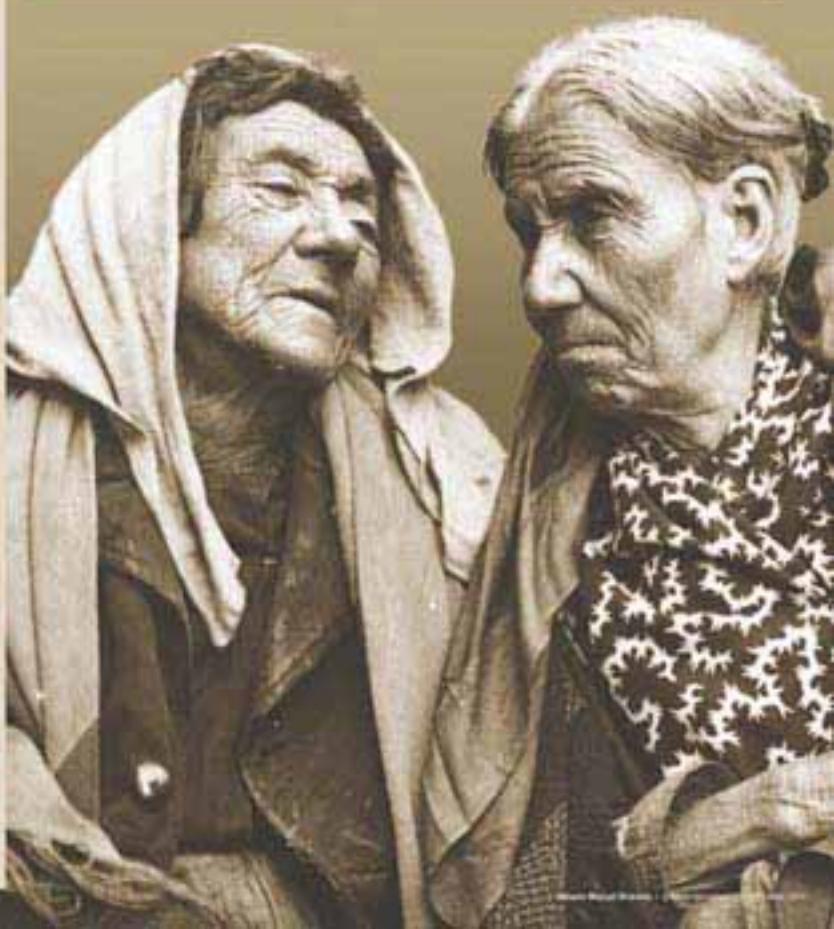
-**Nem teu pai há-de escrever estas palavras por este modo!**-

-**Pois senhora mãe, hei-de enganá-la?**-

-**Não sei se me enganas, ou me não enganas... Vê lá o que fazes, não te engane alguém...**-

Depoimento levitado à Inquisição de Évora pela mulher de um advogado preso. Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Inquisição de Évora, livro 225, folhas 272v-273r (transcrição normalizada).

**Observações:** Notam-se os apelativos (minino/senhora mãe) e o aspecto irregular da expressão como pode ser isso saber-se?, a qual precisa de uma pausa vocal para ganhar aceitabilidade sintática.







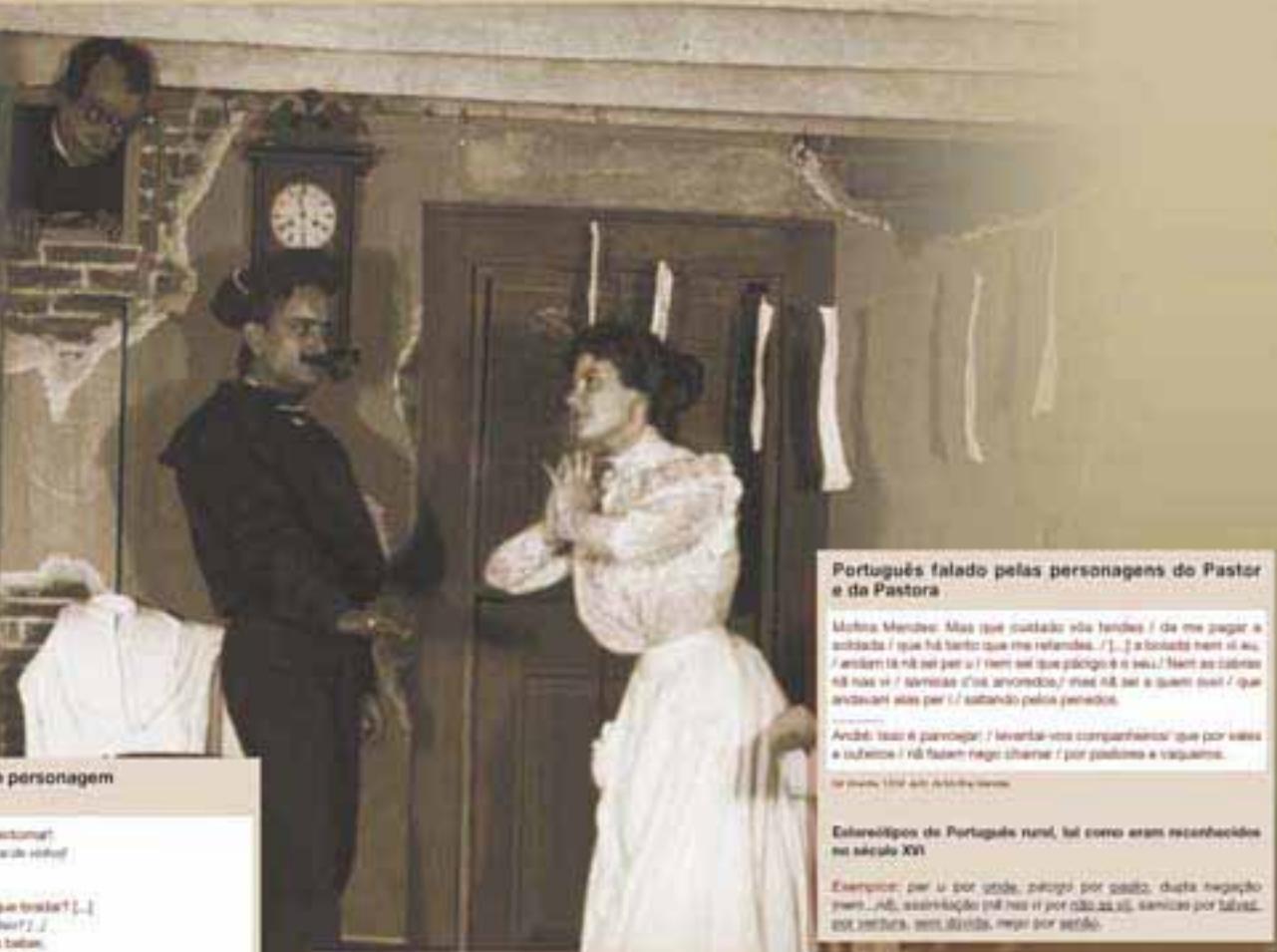
# PORTODAAPARTE

uma certa história da língua portuguesa

## Variação da língua portuguesa falada ao longo dos séculos

### A história do Português regional, popular e coloquial a partir de textos literários (I)

Graças à sensibilidade de poetas satíricos e de dramaturgos, temos logo no século XVI os primeiros registos informais, se bem que estilizados, do linguajar de escravos, de beirões, de regateiras, de lavradores, artesãos, criados, velhas ou crianças. O mais aclamado protagonista desta ilustração das variedades da língua portuguesa foi Gil Vicente (c.1465-c.1536). Paul Teyssier disse dele que tinha o sentido agudo da língua e que registava com precisão detalhes de pronúncia, particularidades dialectais, arcaísmos linguísticos... dos mais delicados aos mais grosseiros.



Português falado pela personagem da Escrava Negra

Às minhas nuncas, nuncas minh' / asturias:  
Eu nuncas, nuncas entremie lo papo de vinhof  
Mais, andar augus perdre:  
Ei andar e aguar o perdeis.  
a minh' nuncas sei rumi / Porque tralha! [...] /  
Eu nuncas, ta nunc, Phe que tralha? [...] /  
Viva logo todos chumais, / viva batata.  
Viva chumais, ta entremie a festiva, viva batata (com viva).  
vive pipó numica faper, / veja a minh' querer pingui / minh' meus [...]  
viva nuncas lapaki a sopa, n' quanme pinguis-mas e mui-pa-me malandos [...].  
Aqu' star juz no fasa, / E a minh' logo va ta'a.  
Assim-esta é justa de Fria / Eu viva faga no ta' juz-esta.  
Mais, também falar moutinho é moutinho;  
Ei holas, ladeiro sono o moutinho e com o moutinho,  
mout mout mout no fousinho!  
Ei mout mout mout ola tralha!  
guarne não ser mout que vinho, criegad!  
Guerre! Enfia! viva pipa mout que vinhos, criegad!  
Moutica ta' faga (2014-0709). Moutica ta' faga

Português falado pelas personagens do Pastor e da Pastora

Machão Mendes: Mais que moutado viva tendes / da me pagar a  
estadiada / ipsa há tanto que me refandea. / [...] a bosta nem si au/  
andam ta' mui per u / nem sei que pacigao é si heu / Nem as cabras  
na nos vi / sombras d'ois amordedei / muih muih sei o quem sou / que  
arcaisan alios per / sustando pelos perdedos.

Anchi: Isso é parcojar / levaria-vos compadreiros / que por viva  
e louheros / ndi falam nego chame / por padomo e vaguero.

Na fuga, 1911. Art. António Carneiro.

Esterótipos do Português rural, tal como eram reconhecidos no século XVI

Exemplos: per u por stida, pingui por pasto, dueta, negação  
muit'ndi, asserção muih res u por não, muih, sambos por talvez,  
ent' verdua, muih diziela, muge por perdeu.

Português falado pela personagem do Lavrador

Assi / Óra vamor eu a ti / li longa desti rithua [...] /  
que te querem combair / e moutos paternando, / e er tandem  
aguardando / polas moças dci legal / Compadre, muih mulher / e  
muito desinterpende, / e a juntas, se Deus quiser, / hao conta de a  
vender, / e da-ha-ei por quase nadis / Qu'eu quando casei com ela  
/ dizen-me, -Habraga eu- / E eu cuide pola abone / que muih cedo  
moutasse eu, / e vía ainda inch em pe, / E porque vira habraga assen  
/ foi o que muih mout danou / Andria cu'ela engondou, / e ha-me  
habraga a muih.

António Carneiro

Esterótipos do Português rural, tal como eram reconhecidos no século XVI

Exemplos: li per tu, paternando por patetado, er por alem, choso,  
ent' por moutas, habraga por tisca, pella abone por em, bota, m.  
avondel por talvez.

### Variação da língua portuguesa falada ao longo dos séculos

#### A história do Português regional, popular e coloquial a partir de textos literários (II)

Já em vésperas da inauguração dos estudos dialectológicos em Portugal, os romancistas da segunda metade do século XIX marcaram um outro momento histórico de recriação literária de variedades da língua. Os seus dramas e novelas "de actualidade" levaram-nos a esboçar personagens de perfil verosímil, cuidadosamente construídas sobre a observação de comportamentos linguísticos vistos como alternativos ao Português padrão. Em notas linguísticas informais, que surgem em itálico, rodapé, ou mesmo no seguimento do texto, tanto Arnaldo Gama, como Camilo Castelo Branco, Abel Botelho ou Fialho de Almeida pontuaram as suas narrativas de chamadas de atenção para a multivarietate da língua portuguesa.

Os dialectos preferidos (certamente por se afastarem mais da variedade padrão de Lisboa) são os da região setentrional de Portugal. O betacismo, as terminações nasais, as assimilações e o "s" apical são os traços eleitos para caracterizar personagens minhotas, transmontanas e beirãs. Outras vezes, os autores não resistem a ir construindo pequenos glossários ao longo dos seus romances, dando-nos o significado de termos regionais ou então romanceando fenómenos de variação lexical e semântica.



Português falado por minhotos  
(segundo Arnaldo Gama)

O sargento-mor de Vilar (1863)

**Julvel** (os leigos, como se diz cá fera do Minho): «vivemos-nos frustos, sem maior dizer mais palavras. Depois disto o solito na **mudiga**<sup>1</sup> do amô e vao paixão-de-santo, sem como um pingo comum entusiasmo: nascido, crescendo, chegado de encontro a mafete de coelhos galopes, todos à fomega [...]»

- **Mas** éijo, vendo como **vidá**!

- **Vidá** éis esgultado-mos.

- De esgultado-mos! **António** come bala.

- Como **nem** bala, **António**, se arfas de nomega **distanciamos** no pescoco a **chulha** des tacão por vêrta lha bentim!

- Ah! **Diga** má d'euvel, **António** com **vidá** em.

Variação no México do Português.  
(segundo Camilo Castelo Branco)

Mulheres da Beira (1874)

Pasta do autor: Não se pressione **baileiros** nos discursos respeitantes ao México (ignorante a linguagem popular do México para os Minho e Trás-os-Montes, L.A. fizer rotinação total à **baileiros**).

Almocrelos de Fafe (1877)

Olhe, Adalgiso, viva-Pé! tentar a memória vella. Eu tive a meu parente Quim os ralo bem!... Andava eu n'ra memória desse quando fui **baileiro** [...]. Ei-golos! o tivo porque meu paiz daque-me calou de cantar os videntes que se dera em origa, como a dizer.

Ova! Souta do Avante! **Bair** namorada enxotado a ser **meia Regime**. Praça aliada a enxotado que, se entrasse n'rey invulgaridade das chaves com a mesma significação, iria desfrutar a já poltrona favorecida das brincadeiras e desordens que se hançam instintivamente entre os festejos e os grandes partidas.

Serviços de S. Miguel da Beira (1888)

- Depois que a mridi foi dar contas a Deus, nunca mais podia falar d'ela. Quer memória quer não, recita-lhe por cima hodus os dials.

- Vida-se que foi amiga d'ela.

- **Amiga** não tem? - accoliu a velha com amêrga.

Ortodoxos e protestantes **amiga** uma interpretação antinomina de **amizade**, porque na hereditária ainda das presenças da morte viva se compreende a **amiga** em outro sentido: o convelecidão hereditária se vêem do dialeto de sua terra e universo.

- **Amiga** quem dizer **afeligada**... Se sentiu por esse rapaz tumultuado homônimo e infeliz, perguntou eu.

Léxico alentejano do Português  
(segundo Fialho de Almeida)

O paiz das uvas (1897)

Mas a boleira sózinha vai respostas. Tharo o **essente** (<sup>2</sup>) do boleiro, entusiasmado transfiguramento e grande rosto amarelo, a filha da boleira uma coquinhada de feira.

Quase os novos festejos de S. João, quase os novos desfiles

Português falado por minhotos  
(segundo Camilo Castelo Branco)

A moçambiqueira de Vila-d'Amorim (1871)

«**Samboneiro**, o po **Zachumro** - **Biba** o **Inveleirinhos** moçagado a malha **linc** - **regadinho** da lira **lamboreiro** - **Biba** pro molho arroz, **bibal**

**Pantaleão** - **Cai** **Raposo**: Com que medo já se vê o strengendo das arvores...

- **Tamboreiro** - **O prometido**, rapaz todo cheio de modinha do **Deus** **San Joao**, que tem festa d'amorho este anno - e das despedidas lá **homens** p'ris enxotar com Deus...

**Pantaleão** - **Babau**, moço moço se **encarregaram** como os meus passos,

gr' **samboneiro**, moço alvurencas - **E lamboreiro**, **Indaique** **Apúlio** e quei fol percutir **Indaique** **malandrinho**

**Pantaleão** - Pra vê se amarras malhar que te faga empurrar a dia levo passado...

gr' **samboneiro**, **lamboreiro** - **Então** **ta São** a saúda na **passarela**, a noite da noite **moçagadinho**.



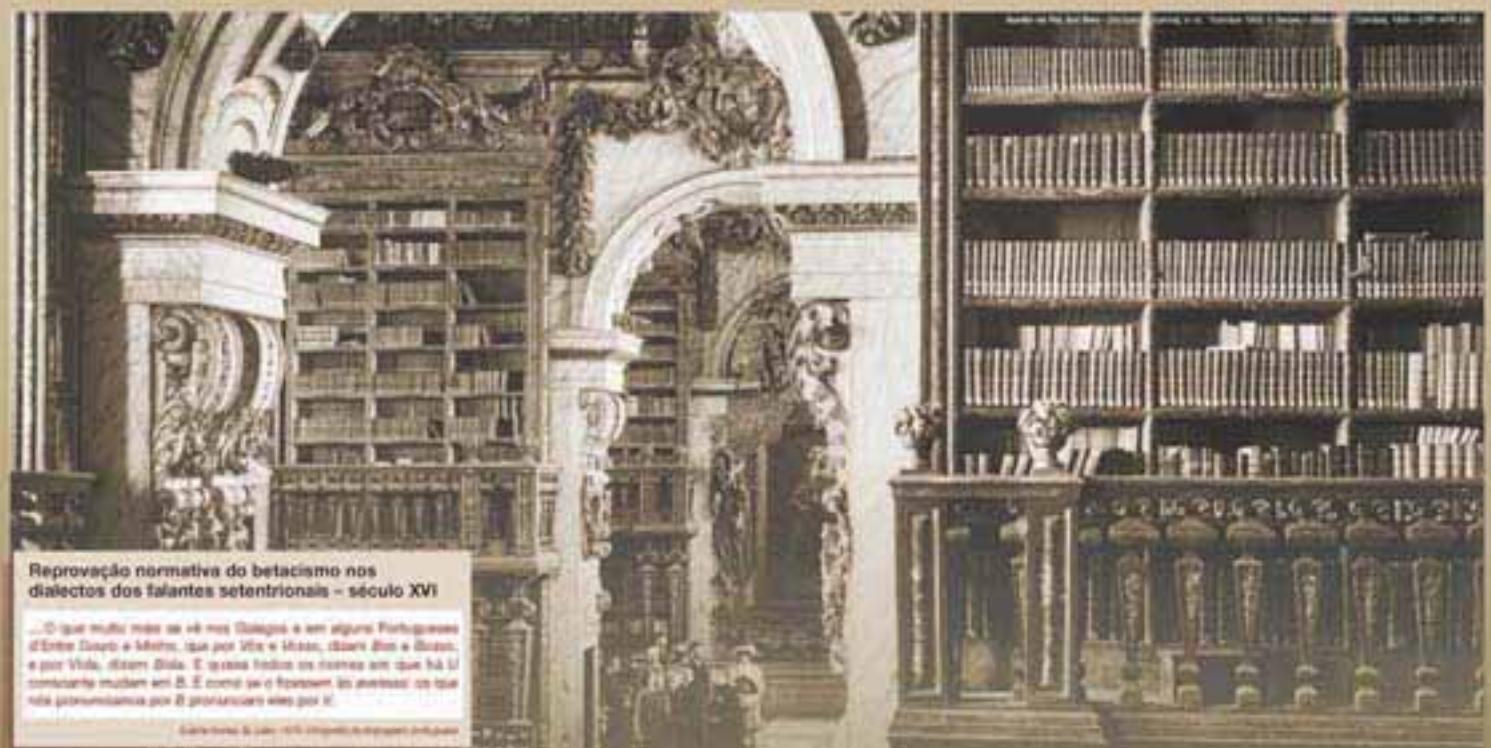
# PORTODAAPARTE

## uma certa história da língua portuguesa

### Variação da língua portuguesa falada ao longo dos séculos

#### A história do Português regional e popular a partir de textos normativos (I)

Os documentos de tipo **Normativo** em cujo texto afloram vestígios da língua falada são as **Gramáticas**, as **Ortografias**, os **Dicionários**, e mesmo os **Manuais de Etiqueta**. Os autores que em diferentes épocas procuraram descrever a forma padronizada e culta de usar a língua portuguesa, sobretudo a escrita, descreveram muitas vezes a heterogeneidade dos comportamentos dos falantes do seu tempo (normalmente para os criticarem). Deixaram portanto uma celebração, se bem que indirecta e involuntária, de variedades arcaicas, regionais e populares do Português.



##### Reprovação normativa do betacismo nos dialectos dos falantes setentrionais - século XVI

...O que muito mais se vê nos Gallegos e em alguns Portugueses d'Entre Douro e Minho, que por Vira e Monde, dizerão Bem e Bens, e por Vila, dizerão Bala. E quando falam os mesmos em que há li convidante mudam em B. E como se o fizessem, os avolumam os que não pronunciamos por B pronunciamos em vez por C.

Fonte: [http://www.sociedaddeportugues.com/](#)

##### Eição explica da variedade dialectal de Lisboa como norma padrão do Português - século XVIII

**DIÁLECTO.** Modo de falar particular das vinas línguas nas diferentes partes do mesmo Reino; ou seja nomeado no acerto, na pronunciaçāo, ou em certas palavras, ou no modo de declinar e conjugar, e assim vemos que no mesmo Reino do Portugal ou da Província da Beira, de Entre Douro e Minho e etc; não falam mais propriamente o Português da mesma maneira que os filhos de Lisboa.

Fonte: [http://www.sociedaddeportugues.com/](#)

##### Reprovação normativa de traços fonéticos, morfológicos e lexicais nos falantes portugueses não cultos - século XVII

- Há um modo de falar a língua Portuguesa mais e menos, ao qual podemos chamar Dialecto Rústico, e dessa usa a gente ignorante, rústica e errada, e deve é necessário desvendar essas maneiras tanto eradas.  
- E em que difere esse mais Dialecto do Dialecto verdadeiro?  
- Difere no pronúnco, nas palavras e no modo de falar a língua Portuguesa.  
- Dizer exemplos.  
- Para dizerem os rústicos Põe carvo, dizerem Bõe. Avis-Tentas, dizerem Tostas, que Gatos, Cidre, etc. A Z muda vezas pronunciam como G, as Hs deles dizerem Ingles, a Vida, Vriga, Eu-Space dizerem Eu-Ngara, Eu-trouco dizerem Eu-trouca, a Quente dizer Quente, Atrever-se dizer Entrevor-se, Flores dizerem Fróes, etc.

Fonte: [http://www.sociedaddeportugues.com/](#)

##### Proposta informal de classificação dos dialectos portugueses - Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816)

Ouvintes mudam sempre o nome d'algumas vidas Ár em Coimbra, Sampaio, Pato, Amorim, Paderne, ou lugar de Sampaio, Pato, Amorim, Paderne, e Zimmerman. Da mesma Ár, e gr. São Pedro em lugar de São Bartolomeu, e São Pedro em lugar de Estrela Igreja. Da algemaria e Montesinho dão E por R, dizerem M por Mão amigas, e os outros, não só das províncias mas ainda os das arribas de Lisboa, trocam os d'Almargem nessa Ár. Da, dizerem Trindade. Onde em lugar de Trindade, Grácia.

Um outro modo de errar na pronunciaçāo da Língua é em acrescentando mais vezes aquelas de que naturalmente é composta o vocabulo, ou diminuindo-as, ou conservando-as indevidamente, intercalando-as entre da sua composição. Os breves desfiguram muitas palavras para maior acrescentamento das superfixas. São muito erros de apontar com I già as O grande nocturno, dizerem Corvo, Chor, em lugar de Corvo, Chor, já em antigas formens Á e à O presentes das velhas Hs, dizeram A i aque, A i alvez, já as O grande nocturno, dizeram E i justo, E i alvez, já as O, dizeram Fruta, Frutas. Da algemaria e Montesinho falam Ár entre Vidas, zezem Ár em Vidas, i Vidas, etc., e o resto rústico acrescenta um A ao principio de muitas palavras e outras só nascentes pelo meio deles, pronunciando Aldeia, Almeida, Alvar, Quelido. Atrever-se em lugar de Deba, Lameira, Vida, Chor, etc., Atrever-se a serem outras muitas.

Fonte: [http://www.sociedaddeportugues.com/](#)

##### Eição explica da variedade dialectal de Lisboa como norma padrão do Português - século XIX

Entre as diferentes pronunciações da língua que existem nas suas diferentes províncias, não se pode negar que a da costa e terreno em que a língua se actua seja preferivel. Ja, mais, e a que tem de ser de preferir. Da gregaria a homogena assente o Algarve, aquelas a respeito de Alentejo, e estas a respeito de Lisboa, e não se devem igualmente julgar a respeito de Lisboa, tal resulta ainda entre os moros nela e os moros pônticos da volta a magro.

Fonte: [http://www.sociedaddeportugues.com/](#)

##### Reprovação purista de traços fonéticos característicos do dialecto de Lisboa - século XIX

Quando vêem multa entre diferenças de pronunciaçāo e vícios da línguagem (quaisquer cultura se produz) apontam-lhe facilmente entre os comunitários, não querendo por isso dizer que se não haja erros. E muito frequentemente entre a gente estrangeira de Lisboa, moçambique, e em África, e na península portuguesa: dizerem Perito, Lameira por Perito, Lameira.

Ajudam as regras um N onde não devem, dizerem Merca em lugar de Melca, Chorinhas por Chorangas, Estrijar por Estrujo, Coquejar por Coquejo.

Fonte: [http://www.sociedaddeportugues.com/](#)



# PORTODAAPARTE

uma certa história da língua portuguesa

## Variação da língua portuguesa falada ao longo dos séculos

### A história do Português regional e popular a partir de textos normativos (II)

Os instrumentos de ensino da língua padrão (**Gramáticas e Dicionários**) sempre incluiram conselhos sobre palavras a evitar no comportamento linguístico autorizado. No seu texto encontramos, portanto, uma extensa recolha lexical que pode ser usada como fonte para a história dos dialetos portugueses.

#### Arcaísmos e regionalismos beirões – século XVI

Porque muitas vezes algumas dízoras que fáis poucas não passarem são já agora muito abominadas, como Abém, Ajum, Acalijuc, Assuz e Hogarri. Algumas e outras muitas, e peço, se estais a querer quaisquer outras semelhantes as mesmas em milha d'Uma homem velho de Beira ou Alentejo, não vos parecerão mal.

François Rabelais, 1533. Excertos de tratados portugueses

#### Léxico português marcado como regional ou popular – século XVII

De alguns vocábulos que usam os pláteros, ou dízoras que os homens políticos não devem usar [excluídos].

Quanto os homens políticos devem escutar de falar palavras indecentes e grosseras.

Auraramos aqui a sombra de palavras arrepias, que se também não devem usar, entre que nos lembraram:

|                          |                               |
|--------------------------|-------------------------------|
| <b>Assento</b>           | – por repousado               |
| <b>Atabolar</b>          | – por encobrir com vergas     |
| <b>Barrastur</b>         | – por relutar                 |
| <b>Centreiro</b>         | – por bêber ou beber          |
| <b>Comiqueira cousa</b>  | – por vulgar, ou costumeira   |
| <b>Cospido a seu pat</b> | – por escópito, ou semelhante |
| <b>Escatofadar</b>       | – por fugir                   |
| <b>Falcaturra</b>        | – por enganar                 |
| <b>Facelhe</b>           | – por rosto                   |
| <b>Matreiro</b>          | – por sanguíneo               |

François Rabelais, 1533. Excertos de tratados portugueses

#### Léxico português marcado como regional ou popular – século XVIII

**ALMARGEAR** – Terra almarguada é terra brava, mas cultivada, que só os algarves enão. É palavra usada no Alentejo.

**BARRILHO** (do bai) – Termo Pastoral. É como uma rede de pântano; ou de espuma, que se põe no fiofio das baias porque não comam o trigo caudado debulham.

**BEILHÓ** – Faz-se de alinharia menina com ferrinha, apurar a sôc. Choram que na Província de Trás-o-Montes chiamam Beilhó as cantoras assaditas depois de estribugadas.

**BRECA** – Crioulo que só nas cidades, com e qui se falam todos. Parece que daqui vêm quer o vulgo chama breca à pântano, ou entedio, quer dizer é faz o homem de mau humor. Estão com a sua breca.

**GADEIRO** – Palavrão da Beira. Vale o mesmo que fizer malfeitos. V. Bacamarte.

**CHINCHARAVELHA** – Termo Chico. Na Beira, vale o mesmo que burligas, ridículo, etc.

**CUNCA** – Tigela de pão, no Minho.

**ESCAFEDER** – Termo Chico. Sair ou fugir ocultamente de algum lugar.

**MALGA** – Palavra da Província de Trás-o-Montes. Torna-se por Tigela, quando ordinariamente se comem sopas.

**PACIÉNCIAS** – Assim se chamam em Líbano, por zombaria, os escudeiros das senhoras que se acompanhavam a cavalo.

François Rabelais, 1533. Excertos de tratados portugueses

#### Reprovação do uso, em Português, de vocabulário de origem africana – século XIX

Muitas vezes ouvi e presenciei dizermos estas palavras – Quigile, Quiglier – sendo que se deve dizer Quigila e Quiglier. Quigila é palavra dos negros de costa d'África usada em sítios famosos que equivale a ameaça, ameaçar, e bebezanga, ameaça que não vos servisse de nada. ainda pronunciando-a correctamente, e que preferissem as equivalentes que sólhas cultas e de melhor aspecto.

François Rabelais, 1533. Excertos de tratados portugueses



# POR TODA A PARTE

## uma certa história da língua portuguesa

### Bibliografia

- Faro de ALMEIDA, Diário das aves. Lisboa - Porto: M. Gomes Editor - Miguelino & Moniz, 1988.
- Jeronimo Cortázar de ARQUETE, Regras de língua portuguesa, aspectos de língua latim. Lisboa: Documentos Oficiais da Monarquia, 1705.
- Jorge Consalvo ALFRETEIRA, "Aspectos da emigração portuguesa". Diáspora nova. Revista Iberoamericana de Geografia y Ciencias Sociales, 94. Barcelona, 2001.
- Willy BAL, "O destino de rotas de imigrantes portugueses num contexto europeu", Reunião da Reunião anual da Associação de Portugalia, 15, 1-2. Coimbra, 1973.
- Jeronimo Soeiro BARROSO, Grammatica portuguesa da lingua portuguesa, composta de grammatica geral applicada a todas linguas. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1622.
- João da BARROS, Acta de João de Barros, sua fidelis ipsa ex portuguesa scripta res historicae et cosmographiae totius orbis terrae ac litterarum, 2/3. Lisboa: Companhia Galvani, 1582 e João Soeiro, 1622. Ed. Faculdade, Prelúdio de L. F. Lopes. CINTRA, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986-1987.
- JL, "Diálogo em favor da nova linguagem" in Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos do santo Padre Ignácio. Lisboa: Luis Rodrigues, 1545. Ed. Faculdade, Letras, Faculdade e Artes da Universidade de Lisboa, 1977, pp. 146-178.
- Clemente BASTOS, A Linguagem de Castro, Porto: Castro, 1927.
- Rafael BENTO, Encyclopedie portugaise et latino. Coimbra - Lisboa, 1712-1722.
- João BOTELHO, História da Arte, Lisboa: Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e Centro Editor, 1998.
- Centro de Informação, <http://www.uminho.pt>
- Carvalho CASTELLO BRANCO, A imprensa de São Domingos, Porto: Mário Soeiro, 1971.
- CF, Estudos de História influenciados a favor da língua portuguesa. 2. Porto - Braga: Livraria Internacionais, 1974.
- CF, História de Portugal, Lisboa: Livraria de Campos, Junta, 1977.
- CF, Síntese de S. Miguel de S. Pedro, 1. Porto: Livraria Colégio de Estudos da Costa Barroca, 1989.
- Aquela Teseira de CASTILHO, "Língua portuguesa e política linguística: o ponto de vista brasileiro". N. A. língua portuguesa: presente e futuro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 199-221.
- Carneiro COEDDO e "muitos" HOU, "Imigrantes portugueses: perspectiva japonesa". Lisboa: Difusão, 1985.
- Carneiro CORTESESCO, A porta de Portugal São Domingos. Rio de Janeiro: Livraria de Portugal, 1965.
- Luis COSTA e Margarida CORRÊA, Discursos de Mário Vaz português. Lisboa: Centro, 2000.
- António GABAL, O sargento-mor da Milícias apreendido em Arredores dos Países Baixos em 1808. Porto: Técnica de Comunicação, 1985.
- Paulo Magalhães de GANDARIA, História da província de Santa Cruz e que vulgarmente chama-se Brasil. Lisboa: António Gonçalves, 1678.
- Paulo GONÇALVES, "A formação de variedades sócio-lingüísticas" in A língua portuguesa: universo e tipos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, pp. 323-342.
- Konrad Maltez Schmid HORTA, "O nome português numa língua romântica: alguns exemplos de nomes portugueses em latim nos textos de Régis Fratello da Trindade-Lacaze" in Congresso sobre a influência da língua portuguesa no mundo. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Actas, 2, 1982, pp. 315-334.
- Quinto Nunes de LERD, Origem de Portugal português. Lisboa: Pedro Chambon, 1625.
- M., Orthografia da língua portuguesa. Lisboa: João de Barros, 1579.
- François Rodrigues LOBO, Crônica portuguesa. Lisboa: Pedro Chambon, 1625. Hiroshima, reto e Português de Lisboa de José António de CASTILHO. Lisboa: National Press, 1987.
- José Pedro MACHADO e Vítor CAMPOS, Visor de Guerra e a sua relação com o deserto. Lisboa: Edição da Câmara Municipal de Lisboa, 1988.
- Maria Antónia Ramo Coimbra da MOTA, Aspectos do frenesi lírico por migrantes portugueses na diáspora. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2. vol., 1989. Mestrado poligráfico.
- Manuel da MORAES, Cartas ao Brasil e mais escritos. Anotações e prefácios de frei Gil ETE, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1962.
- Fernando de OLIVEIRA, Grammatica da Linguaem portuguesa. Lisboa: Simão Sabardo, 1626.
- ONDAJAK, "Obras magistras da língua língua" in A língua portuguesa: presente e futuro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 243-245.
- José GOMES PINTO, "Algumas ideias sobre Novas idéias de imigrantes portuguesa e imigrantes Áfro-portuguesa e latim" in Congresso sobre a influência da língua portuguesa no mundo. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Actas, 2, 1982, pp. 361-378.
- Clemente PINTO et al., "Vergara, Magalhães, Castro, Venda, Queiroz-Barata, São Tomé e Príncipe: seis cidades depois" in Expresso - Unesco, 15 Junho 2000, pp. 48-54.
- Estevões Soeiro REBO, Contributo para a constituição de um corpus de portugueses Antigo. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002. Recife: poligráfico.
- José Pedro ROQUE, Cartas de São Tomé, ou registo de vida quotidiana no 16.º século. Lisboa: José Albaicín, 1946.
- Paul TEYSSIER, La langue de São Vicente. Paris: Librairie C. Nitot, 1939.
- Miguel TORRES (São), M. Oliveira, 1987.
- José Luís de VASCONCELOS, Diálogos plenamente distribuídos para a evolução da dialetologia portuguesa. Beira Alta: Pedroso, 2.º Porto, 1990.
- José Luís de VASCONCELOS, Orla sacerdote e a língua portuguesa. Lisboa: Imprensa da Universidade de São Paulo, 1982.
- Estevão VENDRAMO, Linguagem regional e unidade no romance régionalista português. Lisboa: INIC-CUL, 1982.
- Luís VIEIRATE, Auto de Ave, introdução e edição. Edições Universitárias da S. J. Lamego CINTRA, Lisboa: Publicações da S. J. Lamego, 1989.
- M., Congresso de História crítica de Gil Vicente. Lisboa: José Almeida, 1982. Recife: poligráfico, organizado por Marques Silveira, 1.º Coimbra: Imprensa da Universidade, 1982.

### Autoria:

Rita Manayhisa e Cristina Almeida  
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Pesquisa de Imagens  
Fátima Tavares

Projeto Gráfico  
In-Toro, design

Impressão  
Gráfica Maiafundo S.A.

Projecto apoiado pelo Programa Lusitânia

